# Ciborgues e "espécies companheiras" contra a hegemonia do homem tradicional-liberal - 15/09/2021

\_De como os ciborgues que, se não são como nós, representam muito do que  
somos. Ao mesmo tempo que nos rompem, nos confundem e ampliam nossa  
subjetividade ao não humano, assim como as demais espécies.\*\*[i]\*\*\_  
  
Destacando sua origem na biologia e luta feminista, Cecília informa que  
Haraway modelou o debate contemporâneo com o seu trabalho sobre o ciborgue. Ao  
criticar o pensamento essencialista e o antropocentrismo ontológico, ela traz  
uma ontologia que vem a ser um \_continuum\_ entre ser humano, animais e  
tecnologia e, nesse sentido, guarda função política na busca de um mundo “mais  
amistoso”.  
  
Cecilia argumenta que o \_Manifesto Ciborgue\_ , de Haraway, traz questões como  
“Em que diabo de mundo vivemos?”, para unir discussão feminista com ciência e  
tecnologia. De natureza perversa e polimórfica, parte carne e parte silício, o  
ciborgue simboliza nosso tempo. Por um lado, o pós modernismo traz a junção de  
existência e tecnologia e, por outro, ao confundir as fronteiras, emergem  
grandes potencialidades, mas também angústias. Então, tal criatura como o  
ciborgue, feita de fios e sem interioridade, ao mesmo tempo que questiona  
nosso comportamento, põe em dúvida nossa singularidade e exclusividade. De  
acordo com Cecilia, com essa tese, Haraway desloca a antropologia filosófica  
para um modo de ser indissociável da tecnologia: uma ciborgue-ontologia que  
não se filia, pois marcado por uma promiscuidade ontológica que abre caminho  
transformador.  
  
São três as rupturas do manifesto: 1.) pelo avanço científico quebram-se as  
barreiras entre o humano e o animal; 2.) quebra-se também a barreira entre  
organismo e máquina, entre natural e artificial e 3.) rompe-se a fronteira  
entre o físico e o não físico, já que a miniaturização da tecnologia a torna  
invisível, às vezes. Estando nas fronteiras, os ciborgues, símbolos da cultura  
hightech, rompem dualismos dominadores como eu/outro, o que faz/o que é feito,  
etc., as partes se confundem. Também rompem com a tradição originada por  
Sócrates, já que estão em um mundo tecno científico baseado na informação e  
oriundo da revolução digital do final do século XX que, se ainda dualista,  
permitem rompê-lo pela característica ciborgue aberta a questionamentos.  
  
Como não possuem natureza e nem identidade, os ciborgues não têm um mito de  
origem e estão sempre em um trabalho-em-curso, fora da história de salvação,  
mas, embora fictícios, têm realidade social. Entretanto, nesse quadro, já  
somos meio ciborgues, haja vista os artefatos que a tecnologia nos imprime,  
como marca-passos, próteses, lentes de contato, etc.  
  
Do ponto de vista ontológico, o ciborgue mostra sua faceta subversiva pois  
redefine o modo de ser da subjetividade humana, não mais em termos de uma  
essência única, mas de sistemas cibernéticos com uma condição sempre em  
trânsito, que emite constantes feedbacks para reconstrução e adaptação. É essa  
a promiscuidade ontológica da subjetividade ciborgue, mas que não quer dizer a  
morte do sujeito, ao contrário, sua ampliação ao agregar modos de ser não  
humanos, que recusam o sujeito humanista-liberal que estaria no topo da  
hierarquia.  
  
Nessa linha, adiciona Cecília, quase vinte anos depois o \_Manifesto das  
espécies companheiras\_ , de Haraway, partindo agora da biologia, também traz  
um novo significado para a reflexão antropológico-filosófica do ser humano que  
se agencia em múltiplas camadas que constituem a espécie. Ou seja, nos  
conectamos pelo processo evolutivo, além do parentesco familiar, com os  
complexos orgânicos com os quais nos relacionamos.  
  
Assim, Haraway aponta para um engendramento coletivo onde “o conceito de  
social deve ser ampliado, a fim de abarcar essa miríade de entidades em  
arranjos intra-ativos, incluindo mais-que-humanos, outros-que-não-humanos,  
desumanos e humano-como-húmus.” Emaranham-se, dialeticamente, sociedade,  
natureza e tecnologia, mundo de híbridos e redes entrelaçadas com  
consequências ontológicas e políticas. \*\*\*\*  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] \_Filosofia da Tecnologia. Seus autores e seus problemas\_. Organização de  
Jelson Oliveira e prefácio de Ivan Domingues, resultado da iniciativa do GT de  
Filosofia da Tecnologia da ANPOF. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020. Conforme  
capítulo 12, \_A tecnologia entre a ontologia e a política\_ – Donna Haraway,  
por Cecília de Souza Neves.